



## A MORTE ENQUANTO RELAÇÃO INTERTEXTUAL EM DRÁCULA DE BRAM STOKER E NA BÍBLIA SAGRADA

### DEATH AS INTERTEXTUAL RELATIONSHIP IN BRAM STOKER'S DRACULA AND THE BIBLE

Iliane Tecchio<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo consiste em um estudo sobre a intertextualidade na obra *Dracula* (1897) de Bram Stoker. Ao longo da exposição, apresentam-se reflexões teóricas acerca da intertextualidade e alusão no âmbito dos estudos literários e da tradução. Exemplifica-se a intertextualidade relacionada ao tema morte, concatenando excertos retirados da obra fonte *Dracula* escrita originalmente em língua inglesa, com a tradução em língua portuguesa, relacionando-os com citações Bíblicas que versam sobre o tema do estudo, com o intuito de reunir produtivamente o trabalho prático com a reflexão teórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução; intertextualidade; Bram Stoker

**ABSTRACT:** This article presents a study related to intertextuality in *Dracula* (1897) written by Bram Stoker. Through this paper, it is presents theoretical discussions about intertextuality and allusion in the context of literature studies and translation. To do this, it is exemplified the intertextuality and allusion connected with death, through excerpts taken from the book *Dracula* originally written in English with its translation in Portuguese, linking them with Biblical quotations that deal with the same subject, as an attempt to bring together practical work and theoretical reflection.

**KEYWORDS:** Translation; intertextuality; Bram Stoker.

### INTRODUÇÃO

Neste estudo proponho uma análise das possibilidades da aplicação de reflexões teóricas acerca da intertextualidade. O texto literário em questão é a obra *Dracula* de Bram Stoker publicada originalmente em língua inglesa em 1897 e a sua tradução para a língua portuguesa sob o título *Drácula*, realizada por Theobaldo de Souza na publicação de 2007 pela editora L&PM. A discussão está relacionada ao tema da morte relatada através de

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Tradução e Doutoranda do programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Email: ilianet21@yahoo.com.br



alguns excertos selecionados da obra fonte e respectiva tradução para a língua alvo e concatenando com algumas citações Bíblicas em que se percebe a intertextualidade com o tema do estudo. As reflexões teóricas que constituem o ponto de partida para o estudo seguem o modelo para a análise e tradução de intertextos proposto por Hatim e Mason (1990) e as considerações sobre intertextualidade de Chandler (2003), entre outros. Inicialmente apresento algumas reflexões gerais em relação à intertextualidade e tradução que levará à análise dos fenômenos intertextuais nos textos em questão.

## 1 INTERTEXTUALIDADE E TRADUÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Desde que o termo foi introduzido na década de 60 por Julia Kristeva, que o estabeleceu dentro de uma perspectiva semiótica na qual considera todo o texto como “absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1978, p.72), o conceito de texto vem sendo revisto de forma abrangente, e tem importância marcante no entendimento da intertextualidade literária.

Daniel Chandler no seu texto *Semiotics for Beginners* publicado em 2003 no site *The MCS: The Media and Communication Studies Site*, relata que a ideologia do individualismo, com seus conceitos associados: intenção, originalidade, criatividade e expressividade, é um legado pós-renascentista, que atingiu o seu auge no Romantismo, mas que ainda domina o discurso popular. De acordo com Chandler, a autoria é uma invenção histórica. O teórico caracteriza texto como um espaço dimensional em que uma variedade de escritos, nenhum deles original, se misturam e se chocam, portanto, quando os escritores escrevem eles também são escritos. Para Chandler (2003) o “conceito de intertextualidade nos lembra que cada texto existe em relação aos outros. Na verdade, os textos devem mais a outros textos, do que aos seus próprios produtores”.

A presença de textos concretos marcados ou perceptíveis constitui um fator importante na construção do sentido do texto literário e contribui para que a história seja re(escrita), re(examinada), re(lembrada), re(contada). Chandler nos diz que aqueles que lêem um romance ou um poema famoso, observam um desenho, uma pintura, uma escultura, ou escutam uma música, assistem a um jogo ou a um filme, estão conscientes dos contextos em que o texto foi reproduzido, aludido, parodiado. Esses contextos constituem um



quadro primário ao qual o leitor ou tradutor estão sujeitos na interpretação do texto. A intertextualidade, neste sentido, confronta o tradutor no processo de tradução com questões como a identificação dos pré-textos no texto de saída e a interpretabilidade dos pré-textos na cultura alvo. Para Plaza (2003, p. 06), operar sobre o passado encerra um problema de valor. Não é escolher um dado do passado, uma referência passada; é uma referência a uma situação passada de forma tal que seja capaz de resolver um problema presente e que tenha afinidade com suas necessidades precisas e concretas de modo a projetar o presente sobre o futuro.

Uma vez que uma referência intertextual não se apresenta, necessariamente, como uma citação explícita de um outro texto, mas pode conter elementos que associe ou conecte a pré-textos, cabe ao tradutor também identificar a função do pré-texto no texto de saída e decidir quais aspectos devem ser mantidos ou excluídos, quais são os elementos que ele pode/deve traduzir e como fazer isso para que a referência fique perceptível e interpretável também no texto traduzido. Importante mencionar que, no seu artigo *Translation and Discourse* Ennis (2001), pontua que a não identificação ou reconhecimento de referências intertextuais, pode resultar em um entendimento parcial, ou recuperação incompleta do significado pretendido no texto fonte.

Ennis (2001) afirma que as referências intertextuais não ocorrem casualmente ou para fins de embelezamento do texto, mas são quase sempre motivadas com intenção de transmitir significados. Após identificá-las, o tradutor, em seguida, precisa avaliar a probabilidade de os leitores serem capazes de reconhecê-las e fazerem a ponte intertextual. Ele também acentua que não se faz particularmente necessário saber o local exato onde a referência se encontra para ser capaz de recuperar seu significado, basta estar suficientemente familiarizado com o tema. Por exemplo, podemos reconhecer o tema morte na Bíblia Sagrada sem necessitar ler a obra toda. Por outro lado, de acordo com o pesquisador, quanto mais específica e culturalmente distante, mais difícil será a identificação das referências intertextuais.

Hatim e Mason (1990, p. 133) adotam uma abordagem semiótica para as estratégias de tradução relacionadas com a questão da intertextualidade. Cabe ao tradutor identificar os elementos específicos que atuam como pistas ou indicações de referência intertextual em



um texto e, em seguida, traçar as maneiras pelas quais estes sinais ligam a textos anteriores. Os sinais podem ser palavras, frases, referências a personalidades, a escritores e artistas, mas não constituem necessariamente a própria referência intertextual. Os sinais têm a função de elementos textuais que levam a identificar um intertexto e que associem ou conectem a pré-textos. De acordo com os pesquisadores, cada pista ou indicação intertextual precisa ser avaliada em termos de conteúdo informacional, intencionalidade e significação sócio-cultural, a fim de decidir quais aspectos podem ser omitidos na tradução. Sugerem que a prioridade deve ser sempre dada à intencionalidade sobre o conteúdo informativo.

Dentro das perspectivas estudadas em relação à intertextualidade, será dado foco à alusão estudada no âmbito da intertextualidade temática, ou seja, um tema ou questão, em um texto presente em outro texto. A alusão, que se caracteriza por seu potencial evocativo, apela para a capacidade de associação de idéias do leitor para reconhecer as referências explícitas ou implícitas, que podem referir-se a fatos históricos, literatura, cinema, televisão, autores, e ainda, sobre um assunto cultural, como o proposto neste estudo: a morte.

## **2 INTERTEXTUALIDADE: A MORTE EM DRÁCULA**

O século XIX caracterizou-se, entre outros fatores, por uma época em que a ciência travava constantes batalhas com enigmas e pontos vagos da existência material na tentativa de prová-los e explicá-los cientificamente. Um período no qual as cidades e seus tentáculos começavam a comprimir e a massificar o homem perdido no anonimato das grandes metrópoles, como se sucedia em Londres:

Nessa Londres da metade do século, com dois e meio milhões de habitantes, projetam-se com total nitidez a prosmicuidade, a diversidade, a agressão, em suma, os vários perigos presentes na vida urbana. Para além do fascínio, se faz sentir o medo. Na expressão de Shirley: “o inferno é uma cidade semelhante a Londres, uma cidade esfumaçada e populosa. Existe aí todo tipo de pessoas arruinadas e pouca diversão, ou melhor, nenhuma, e muito pouca justiça e menos ainda compaixão”. (BRESCIANI, 2004, p. 22)



Neste contexto, Stoker lança em 1897 a sua mais famosa obra. Nela *Drácula*, personagem que deu nome ao romance, é perseguido por um grupo constituído de representantes da classe privilegiada da sociedade da época: dois médicos, um agente imobiliário, um Duque, e um americano que tinha por diversão caçar com sua faca Kukri. O grupo mistura religião, filosofia, ciência e técnica num único intento: eliminar Drácula.

Percebe-se através da narrativa, estruturada na forma de gênero epistolar, que o motor da obra está relacionado à caça e morte de Drácula. Um fato que precisa ser concretizado como justificado nas palavras da personagem Van Helsing: “Nosso insucesso simplesmente nos converterá... prestem atenção... converterá cada um de nós em outros tantos seres iguais a ele”. (STOKER, 2007, p. 352). Durante a narrativa Drácula, já morando em Londres, deixa um rastro de destruição e morte por onde passa. Entre suas vítimas, Lucy, que acaba se transformando em um Nosferatu, igual ao seu criador. O grupo então decide matá-la utilizando o método para eliminar estes seres: decepar a cabeça e cravar uma estaca no coração. Após, outra personagem, Mina, mulher de Harker, também é atacada e obrigada a beber o sangue de Drácula, ritual que os faz ficar ligados espiritualmente. O grupo, então, incansavelmente, sai à caça do vampiro. Encontram-no em um caixão sendo levado por ciganos a caminho da Transilvânia, local em que se situa o castelo de Drácula. O Conde é destruído da mesma forma que Lucy e, com isso, Mina é libertada antes que se torne a imagem e semelhança do seu Criador.

Stoker apresenta a sociedade sua obra na qual defronta o leitor do século XIX em um corpo a corpo com a temática da morte, instigando-o a pensar que deveras esta não fosse a única saída para uma vida mais digna, a esperança do *happy end* e *live happily forever* realizada na pós-morte ou poderemos chamar na não-morte, como nos diz Bataille (1987, p. 52): “Para nós que somos seres descontínuos, a morte tem um sentido da continuidade do ser” e “a vida é sempre um produto da decomposição da vida”.

A morte é parte integrante do enredo da existência, temática percebida em ritos litúrgicos, católicos ou protestantes, na literatura de ficção, nas artes e demais expressões estéticas como, por exemplo, as expressões artísticas do século XV ao século XIX, nos motivos chamados *Vanitas*, que expressavam a relação conflituosa do homem com a morte, como os quadros do artista plástico holandês David Bailly (1584-1657), e os quadros do



pintor austríaco Arnulf Rainer (1929). O escritor e o artista ao lado da vida escrevendo nas páginas da história, no tempo que lhes é permitido existir, a dura e incerta chegada (ou seria o fim?) do que ainda continua sendo inexplicável, e que talvez por isso seja tão temida. Na obra *Drácula*, a morte é retratada como um feito necessário para que a existência não seja contaminada e um fim igualmente necessário para a paz, como observado nas passagens que explicitam as mortes das personagens: Lucy, as vampiras e, principalmente, Drácula.

Neste viés, algumas partes do romance, mais especificamente, algumas unidades lexicais, a maneira como elas são colocadas nas sentenças, evocam um reconhecimento intertextual com referências bíblicas percebidas através das questões:

- a referência ao pó como início e fim da vida;
- a morte não como fim, mas como partida para uma vida melhor;
- na morte, a paz.

Vejamos a relação destas ocorrências confrontando passagens retiradas da Bíblia com excertos da obra em língua inglesa e a tradução para a língua portuguesa:

Is. 26:19: Mas os teus mortos hão de reviver e seus cadáveres se levantarão. Os que dormem no pó vão acordar e cantar, pois o teu orvalho é um orvalho de luz, e a terra das sombras dará a luz.

[...] that even in that moment of final dissolution, there was in the face a look of peace, such as I never could have imagined might have rested there". (STOKER, 2003, p.400)

[...] na consumação da morte, estampara-se em seu rosto uma sensação de paz, como eu jamais imaginara que ainda pudesse comportar. (STOKER, 2007, p. 546)

Nestas passagens percebe-se uma inter-relação entre os textos em sentido de assumir a morte como o encontro para a paz noticiada na citação “a terra das sombras dará a luz”. Igualmente, “a sensação de paz” refletida no rosto de Drácula quando da sua morte, indica que termina, assim, o seu triste, solitário e sombrio caminho, que podemos perceber nas palavras da personagem: “E pelas lágrimas derramadas sobre os mortos já não afina com os acordes da alegria. [...]. Amo a sombra e a penumbra, e assim poderia ficar só com meus pensamentos e a minha solidão”. (STOKER, 2007, p. 40). Através desses exemplos podemos identificar a alusão textual, como já foi citado, um tipo de intertextualidade



considerada como referência especial, que pode ser utilizada quando o escritor quer declarar algo de forma implícita, mas com uma certa intencionalidade.

Em relação à tradução do excerto destacado, percebe-se que o tradutor procurou seguir as informações do texto fonte até mesmo no que se refere às pontuações. Apenas uma ressalva para a primeira parte na qual temos no texto em inglês *in that moment of final dissolution* que lembra uma expressão metafórica em nossa cultura: MORTE É O DESTINO FINAL. O tradutor optou por traduzir como na consumação da morte, que podemos analisar como uma escolha lexical que reflete o ciclo da existência: nascer, viver e, por último, no final: a consumação da morte. Hatim e Mason (1990, p. 124) pontuam que o tradutor precisa conhecer palavras relativas a um grupo de significação (rede) para tornar o texto inteligível na língua alvo.

Uma outra relação explicitada através de passagens Bíblicas, diz respeito a morte como um retorno ao pó, como anunciado pela obra, que somos pó e ao pó retornaremos. Vejamos a relação de versículos da Bíblia com sentenças da obra *Drácula*:

Ecl. 12:7: Então o pó volta para a terra de onde veio, e o sopro vital retorna para Deus que o concedeu.

[...] before the whole body began to melt away and crumble into its native dust [...]. (STOKER, 2003, p.395)

[...], logo seu corpo começava a desaparecer, transformado no primitivo pó, [...]. (STOKER, 2007, p. 539).

Gn. 3:19: Você é pó, e ao pó voltará.

[...] and almost in the drawing of a breath, the whole body crumbled into dust and passed from our sight. (STOKER, 2003, p.400)

[...] seu corpo já inerte se desfez em pó e desapareceu de minha vista. (STOKER, 2007, p. 546).

Tal pressuposto bíblico de que do pó ao pó retorna, pode ser relacionado de forma intertextual com a obra analisada. Na condição de solitário e estrangeiro no meio da multidão e de certa maneira um escravo da sua própria não-morte, tendo o sangue de seres vivos como sua única e essencial fonte de luz e, ao mesmo tempo não suportando a luz



químico-física e, sendo a escuridão seu refúgio e proteção; obrigado a carregar seu próprio caixão e dormindo nele com o pó da terra nativa, ao pó retorna.

Outro ponto que pode ser referido através das passagens citadas, tem relação com a temática da imortalidade. Como exemplo, I Tm 6:16, no qual cita que Jesus Cristo é “O único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver. A Ele, honra e poder eterno”. Portanto, Drácula, personagem que na obra é retratada como sendo imortal por séculos e séculos, no final, volta à forma primitiva do pó, pois é um ser comum, como todos os demais seres vivos, ou seja, um ser “descontínuo”, como Bataille (1987, p. 13) nos define. Então, a morte é posta em destaque a partir do Criador: a origem voltando ao destino e devolvendo à terra a matéria do corpo. Importante citar o que Bataille escreveu em relação à literatura e preceitos religiosos:

A literatura é, com efeito, o prolongamento das religiões. Ela é sua herdeira. O sacrifício é um romance, um conto, ilustrado de maneira sangrenta. Ou melhor, é no estado rudimentar uma representação teatral, um drama reduzido ao episódio final, onde a vítima animal ou humano atua só, mas atua até a morte. (BATAILLE, 1987, p. 81)

Em relação à tradução das passagens destacadas da obra Drácula, nota-se que o tradutor optou por recursos vernaculares diferentes para transpor o verbo frasal *crumble into*:

*crumble into its native dust* - transformado no primitivo pó

*crumbled into dust* - desfez em pó

O verbo frasal *Crumble into* pode ser traduzido na língua portuguesa como: desintegrar-se, cair em pedaços, reduzir, desagregar. A decisão do tradutor supõe que ele optou por unidades lexicais que condizem com as que mais usualmente costumamos utilizar quando nos referimos a transformação da matéria em pó, quando a matéria se desfaz em pó. Estas escolhas na tradução, que podemos classificar de referentes intertextuais, estão em afinidade com o que Hatim e Mason (1990, p. 133) postulam sobre tradução de aspectos intertextuais: “conjunto de relações que se materializam somente através de interações semióticas”, ou seja, prioridade para a intencionalidade sobre o aspecto informacional, o que poderá enriquecer a compreensão do texto que se está lendo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS





A intertextualidade se apresenta como um fenômeno onipresente no texto, mas que é de fundamental importância para o processamento deste tanto na relação inter como entre línguas. Cabe citar, na íntegra, a colocação de Plaza sobre a relação a memórias históricas com escritos presentes:

Só é possível compreender o presente na medida em que se conhece o passado. A história acabada é a história morta, aquela que nada mais diz. História, então, pressupõe leitura. É pela leitura que damos sentido e reanimamos o passado. Nesta medida, a tradução para nós se apresenta como “a forma mais atenta de ler” a história porque é uma forma produtiva de consumo, ao mesmo tempo em que relança para o futuro aqueles aspectos da história que realmente foram lidos e incorporados ao presente. A história mais do que simples sucessão de estados reais, é parte integrante da realidade humana. A ocupação com o passado é também um ocupar-se com o presente. O passado não é apenas lembrança, mas sobrevivência como realidade inscrita no presente. As realizações artísticas dos antepassados traçam os caminhos da arte de hoje e seus descaminhos. (PLAZA, 2003, p. 02)

O problema para os tradutores poderá consistir-se em processar referências intertextuais como as alusões, para que os significados invocados no texto fonte sejam preservados e tornados acessíveis ao máximo na língua de chegada. As mudanças ocorridas, e que ocorrem, nas sociedades ao longo da existência, refletem-se no léxico das línguas, e cabe então, ao tradutor usar de recursos vernaculares que reflitam o sentido da obra fonte, mas que, ao mesmo tempo, sejam da compreensão do leitor no momento de sua história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, George. **O Erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

BRECIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CHANDLER, Daniel. **Semiotics for beginners – Intertextuality**. 2003. Disponível em <http://www.aber.ac.uk/media/Documents/S4B/sem09.html>



ENNIS, Tim. **Translation and Discourse**. 2001. Disponível em <http://www.cels.bham.ac.uk/resources/essays/ennis3.pdf>

HATIM, Basil, MASON, Ian. **Discourse and the translator**. London and New York: Longman, 1990.

KRISTEVA, Julia. **Semiótica do Romance**. 2ª ed. Lisboa, Portugal: Arcádia, 1978.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

STOKER, Bram. **Dracula**. Revised edition. Penguin Group: 2003. 454 p.

STOKER, Bram. **Drácula**. Tradução de Theobaldo de Souza. Porto Alegre: LPM, 2007. 552 p.